

Aproximação Rússia-Venezuela: quando o regional e o global se misturam

Dialogues Russia-Venezuela: when regional and global are intertwined

ARTUR ANDRADE DA SILVA MACHADO*

Meridiano 47 n. 99, out. 2008 [p. 15 a 18]

Analisar a aproximação militar entre Rússia e Venezuela é exercício que pode ser comparado ao de achar uma agulha no meio de um palheiro. Em meio a um complexo panorama de declarações e fatos (ora desconexos, ora conectando-se indiferentemente a qualquer linha estratégica clara), é necessário selecionar os sinais sobre as intenções por trás dos acontecimentos da conjuntura e seus desdobramentos para as esferas regional e sistêmica. Por meio de tal exercício, pretende-se encontrar linhas de coerência entre séries de questões, como as ambições russas no jogo de poder internacional e as tendências elaboradas no contexto sul-americano.

Desde quando foi originada, a aproximação militar entre Rússia e Venezuela dava amostras de que se constituiria em não mais que uma forma de escoamento do excedente russo de armamentos e materiais de guerra. Desde 2005, a Venezuela financiou, com reservas oriundas da exportação de petróleo, a compra de material bélico de origem russa (notadamente caças Sukhoi SU-30, helicópteros e quase 100 mil rifles Kalashnikov). Ao longo de todo o período, a Venezuela empenhou mais de US\$ 4,4 bilhões, o que corresponde aproximadamente ao orçamento brasileiro destinado ao Bolsa Família em 2008. Neste ano, a cooperação entre Rússia e Venezuela seguiu o mesmo padrão, acordando na venda de algumas dezenas de caças e helicópteros, por mais de US\$ 1 bilhão.

No entanto, a cooperação entre Rússia e Venezuela que agora já evolui para uma gama mais

variada de áreas – com proeminente ênfase para a área de energia nuclear com fins pacíficos – deve ser compreendida à luz do padrão estabelecido por Caracas para selecionar seus parceiros. Nesse sentido, tendo em vista a aproximação venezuelana com parceiros como Irã, Líbia, China, Rússia e Belarus, é crível que Chávez usa da diplomacia do petróleo para cooptar parceiros de acordo com marcado critério ideológico. No entanto, a análise de declarações oficiais lança sinais de que os países respondem diferentemente ao estímulo venezuelano.

O melhor exemplo de relação que parece perpetuar a ideologia anti-americanista de Chávez é aquela que a Venezuela mantém com o Irã. Admiravelmente, Chávez, que parece procurar oportunidades para manifestar sua simpatia pelo polêmico programa nuclear iraniano, de fato conseguiu cooptar a amizade de Teerã, que atualmente se engaja de maneira deveras articulada nas dinâmicas sul-americanas. Como instância, o presidente iraniano afirmou, durante discurso proferido na Assembleia Geral da ONU, que *“algumas nações da América Latina têm sua segurança e culturas seriamente ameaçadas por governos estrangeiros dominantes e pelas embaixadas de alguns impérios”*, em clara referência aos desentendimentos diplomáticos entre EUA, Bolívia e Venezuela.

Por outro lado, as relações com a China, país do qual Chávez anunciou que compraria aviões de combate, indicam frustração da expectativa venezuelana. Alusivo à frustração é o fato de que a

* Membro do Programa de Educação Tutorial em Relações Internacionais da Universidade de Brasília – PET-REL e do Laboratório de Análise em Relações Internacionais – LARI (andradesmachado@gmail.com).

declaração de Chávez – dizendo que, por meio de sua viagem para China e Rússia, estariam Venezuela “e Cuba, construindo um mundo pluripolar” – foi prontamente desmentida pelo governo chinês. Segundo a porta-voz do Ministério de Assuntos Exteriores da China Jiang Yu, as relações de seu país com a Venezuela “*não estão baseadas na ideologia, não estão dirigidas contra uma terceira parte e não afetarão outros países*”.

Se vistas desde o discurso oficial sobre o engajamento internacional venezuelano, as motivações russas na aproximação com Caracas são as mais difíceis de analisar. Segundo Carrizalez (Vice-presidente da Venezuela), “*a relação com a Rússia está dentro do esquema de promover um mundo multipolar*”. Para o ministro da Defesa da Colômbia, Juan Manuel Santos, as manobras militares conjuntas entre Venezuela e Rússia no mar do Caribe podem reativar a Guerra Fria entre Moscou e Washington, além de colocar em risco a estabilidade regional. Por outro lado, quando indagado sobre um possível caráter anti-norteamericanista atribuído às relações Rússia-Venezuela, o ministro de Relações Exteriores da Rússia, Serguei Lavrov, assegurou não saber “*por que tiram esse tipo de conclusão*” visto que “*a Rússia e a Venezuela não têm nenhuma intenção de atacar ninguém*”.

Para decifrar as questões relacionadas à aproximação militar entre Rússia e Venezuela, o campo dos discursos oficiais mostra-se insuficiente. É necessário, portanto, contextualizar o fato no processo de tensionamento das relações da Rússia com o Ocidente. Nesse sentido, a atual assertividade russa deriva em grande parte do expansionismo do Ocidente ao que a Rússia considera como sua esfera de influência. Assim, depois de um momento em que o conceito de esfera de influência permaneceu arquivado, ele parece ter sido rebuscado para a formulação da política externa russa. Segundo tal conceito, que foi muito utilizado durante a Guerra Fria, cada potência demarca geograficamente uma zona estratégica para manutenção de suas necessidades de defesa, em que exerce reconhecida hegemonia. Responde a assertividade russa, portanto, ao expansionismo político-institucional da OTAN e

da União Européia sobre os países da Comunidade de Estados Independentes (CEI), bem como ao expansionismo de valores ocidentais, indiferente aos conceitos de soberania e de esfera de influência.

A partir de tal consideração, à significativa lista de intervenções do Ocidente no entorno estratégico russo, deve-se acrescentar os movimentos realizados pela VI Frota dos EUA no Mar Negro. Em agosto de 2008, três meses depois de ter sido reativada, navios da VI Frota americana aportaram em Batumi e Poti, na Geórgia, para entregar suprimentos e prestar ajuda humanitária, o que abriu margem para acusações de que ela estaria também enviando suprimentos de combate. Fazendo ouvidos surdos para o discurso da geografia da influência na política internacional, o Ocidente aceitou os riscos de indispor-se com a Rússia. Assim, em relação à presença de navios da VI Frota americana no Mar Negro, Putin afirmou: “*Nossa resposta será calma, não histérica, mas, definitivamente, haverá uma resposta*”. Tal declaração permite avaliar que os exercícios conjuntos que exercerão Rússia e Venezuela no Mar do Caribe são uma maneira que a Rússia encontrou de retaliar a presença da VI Frota norte-americana.

Apesar de sugestiva, a declaração não é exaustiva e, assim, a cooperação militar entre Rússia e Venezuela não pode ser confundida unicamente com uma estratégia russa de retaliação à presença do Ocidente em sua esfera influência. Tal fato também parece estar relacionado a uma expectativa russa de se engajar mais decisivamente no jogo de poder internacional. A esse respeito, a Rússia já havia declarado, em meados de 2007, que sua aviação estratégica voltaria a realizar expedições de dimensões globais, possivelmente demonstrando uma recuperação de seu antigo potencial político e militar. Em resposta a esse estímulo, Chávez declarou que não haveria problema “*se a aviação estratégica da Rússia tiver necessidade de aterrissar em território venezuelano*”.

À luz desses fatos, a aproximação entre Moscou e Caracas lança questões sobre novos aspectos das ambições dos formuladores da política externa russa para o posicionamento do país no jogo de poder internacional. Teria a Rússia reais ambições de se consolidar como uma superpotência no

sistema internacional ou seria esta nova postura de enfrentamento por parte de Moscou apenas uma maneira de barganhar com o Ocidente a garantia de hegemonia em sua própria esfera regional?

Quem melhor responde a essas perguntas é Huntington, que afirma que potências regionais, contrariamente a potências intermediárias, podem também ser grandes potências em escala global, concomitantemente com suas filiações ao contexto regional. Por meio de tal proposição, o autor confunde os conceitos de potência regional e de grande potência, abrindo espaço para analisar a política externa russa como instrumento para atingir um objetivo de duplo posicionamento no jogo de poder internacional. Buscando formar sua posição com ambos os conceitos, a Rússia deseja dois objetivos básicos: que os demais países assegurem o respeito à esfera que a Rússia delimita como estratégica para seus interesses de defesa; que a formulação da agenda internacional, bem como as estratégias desenvolvidas para a solução dos problemas elencados nessa agenda, leve em conta suas preferências e seus interesses.

É imperial notar, pela descrição dos objetivos acima, que a Rússia persegue uma política de *status quo*, tal como definida por Morgenthau. Assim, em face de movimentos reformadores da Ordem internacional desempenhados pelo Ocidente, a Rússia busca proteger seu espaço de influência, seja na sua própria região estratégica, seja no campo da política global, em que se considera herdeira da posição da antiga URSS. A partir desta análise, é possível considerar que a Rússia é um ator que não traz oposição direta à ordem internacional, mas que deseja recuperar uma posição privilegiada na concepção de rumos dessa ordem, para tanto lançando mão do não variado leque das estratégias que conhece. Além disso, a Rússia não tem interesse em indispor-se gratuitamente com o Ocidente, tendo em vista que há uma relação de mútua dependência entre Rússia e União Européia operando em volta de diversos acordos de cooperação, notadamente na área comercial.

Afora isso, outras questões que se devem analisar em relação à aproximação entre Rússia e

Venezuela são as operantes na camada regional. Em relação aos efeitos da aproximação regional, a Secretária de Estado dos EUA, Condoleezza Rice, afirmou ceticamente que os países vizinhos da Venezuela "*não se veriam afetados por uns tantos bombardeiros velhos visitando umas das poucas autocracias que sobraram na América latina*".

No entanto, suspeita-se justamente do contrário à medida que se toma em consideração o armamentismo que se desenvolve na América do Sul. Desde 2006, os países da América do Sul (notadamente Argentina, Colômbia, Chile e, principalmente, Venezuela) têm aumentado seus gastos militares. Diante de tal movimento, a aproximação Rússia-Venezuela pode se tornar um fator destabilizador para a região. Em virtude da força simbólica atribuída ao fato, a falta de informações e a desconfiança de outras nações em relação às intenções da Venezuela de Chávez podem gerar um dilema de segurança entre nações sul-americanas, em um cenário pessimista.

Além disso, a estratégia de Chávez de formar uma coligação multilateral contra os EUA, articulada pelo menos no campo discursivo, tem efeitos diretos sobre a América do Sul. Tal discurso extremista, fortalecido pela diplomacia do petróleo, além de extrapolar a influência da Venezuela para o continente, também tem um papel na aproximação do continente sul-americano à política global. O panorama de aumento de cooperação entre Irã, Bolívia, Venezuela e, em menor grau, a Rússia tem como consequência a construção de um quadro político regional em que se potencializam divergências ideológicas, bem como permite à Venezuela uma margem de influência muito maior do que possibilitam suas capacidades definidas em termos militares ou econômicos.

Em termos hemisféricos, a expansão da ideologia chavista no continente sul-americano, bem como a articulação de parceiros não ideais pela definição de Washington, deve acarretar em uma maior aproximação dos EUA às dinâmicas sul-americanas. A polêmica reativação da IV Frota dos EUA, operante no Atlântico Sul, pode ser interpretada como fato remissivo a tal processo.

A partir de tal quadro, cujas expectativas são de maior confusão entre as dinâmicas regionais

e aquelas da política global, com consequente engajamento das potências com maior interesse nessa área de influência, haverá possivelmente aumento substantivo nas perspectivas de atuação do líder regional. Tais perspectivas devem corroborar uma capacidade, por parte do líder, de prover uma ordem dentro dos limites de sua própria região, de tal forma agindo como *peacemaker* e consolidando regras regionalmente aceitas.

Destarte, diante de recorrentes frustrações das expectativas brasileiras de mediar contendas regionais, como na Colômbia e recentemente na Bolívia, o maior país da região sul-americana deve se preparar para exercer seu papel sobre uma região cada vez mais internacionalizada.

Recebido em 10/10/2008

Aprovado em 16/10/2008

Palavras chaves: Rússia, Venezuela, Estados Unidos

Key words: Russia, Venezuela, United States

Resumo: o artigo trata do diálogo militar entre Venezuela e Rússia. Esta aliança pode trazer mudanças para a política externa dos Estados Unidos.

Abstract: The article deals with the military dialogue between Venezuela and Russia. This alliance may bring changes to the American foreign policy.

